Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo - Ano XIV - Nº 396 - Uberaba/MG - Dezembro/Janeiro/Fevereiro de 2017

REVELAÇÃO Uniube

Arte na rua
Talento desafia o preconceito

04

Religião
Filhos da Umbanda quebram paradigmas

08

Melhor idade
Eles se conheceram no asilo e vivem história de amor

20

Inspire-se!

Histórias de cidadãos comuns que transformam o cotidiano

issuu-downloader.com

Liberdade de expressão, qual o **limite**?

Taína Ferreira
5º período de Jornalismo

Foto: Taína Ferreira

Explanar, dizer, explicitar, falar, exprimir, proferir, expor, explicar, mostrar, demonstrar, manifestar, criticar, denunciar, apresentar, revelar, representar. Todos esses verbos são sinônimos de expressar.

A liberdade de expressão é o direito de qualquer indivíduo de manifestar, livremente, opiniões, ideias e pensamentos pessoais sem medo de retaliações ou censura. Esse direito é protegido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, principalmente com a *Internet*, as pessoas se sentem mais confiantes e livres para expressar suas ideias *on-line*. No entanto, há uma confusão entre o direito à liberdade de expressão e o insulto. A liberdade de expressão não dá margem para o insulto e para a ofensa.

> É melhor repensar antes de falar, escrever ou gesticular

A liberdade individual não pode jamais ferir a liberdade de outra pessoa ou até sua honra. Apesar de sermos seres livres para expressar, esse direito não deve violar e ferir a intimidade, a privacidade ou a imagem que cada um constrói para si e para a sociedade.

Porém, uma liberdade de expressão com limites é liberdade de expressão? A liberdade de expressão deve ser irrestrita?

Seja qual for a sua resposta quanto a essas perguntas, é necessário que haja bom senso ao emitir opinião.

Se o que você escreve ou diz, de alguma forma, vai afetar negativamente ou causar danos a alguém ou à sociedade, é melhor repensar antes de falar, escrever ou gesticular.

Em alguns casos, como no trabalho de jornalistas e do Ministério Público, a liberdade deve ser observada de forma bastante analítica. Em determinadas situações, se faz necessário denunciar situações e até pessoas, como, por exemplo, os políticos corruptos, eleitos por nós e que descumprem o compromisso ético de trabalhar em benefício do coletivo e buscam ampliar seus conchavos para garantir o enriquecimento ilícito.

Temos assistido ao *bullying* e o *ciberbullying* ganhar proporções assustadoras, em razão da falta de consciência dos limites. A liberdade de expressão é essencial para o bem-estar intelectual da sociedade, mas opiniões que ofendam ou inverdades devem ficar contigo. Exerça seus direitos, mas não cause prejuízos aos demais indivíduos.

Cabe ao Estado coibir ou punir as ações que infrinjam este limite. Cabe a você pensar sobre sua postura presencial ou *on-line*.

Quem é livre reflete. Quem é livre não ataca.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• Reitor: Marcelo Palmério ••• Pró-reitor de Ensino Superior: Marco Antônio Nogueira ••• Coordenador do curso de Comunicação Social: Celi Camargo (DF 1942 JP) ••• Professora orientadora: Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• Projeto gráfico: Diogo Lapaiva, Jr. Rodran, Bruno Nakamura (ex-alunos Jornalismo/Publicidade e Propaganda) ••• Orientadora de Designer Gráfico: Isabel Ventura ... Alunos responsáveis: Giovana Hermice, Joyce Fernanda, Luiz Gustavo, Mara Poliana, Rafael Machado, Taína Ferreira, Tatiane Barcelos, Wendel Nascimento (5º período) ••• Estágiarios: Carol Rodrigues, Daniel Carvalho, Hiago Fernandes, Jair Neto (3º período) e Talyson Oliveira (7º período) ••• Impressão: Gráfica Jornal da Manhã ••• Redação: Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• Telefone: (34) 3319 8953 ••• E-mail: revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Sinal verde para a arte

Artistas de rua contam como é a rotina para mostrar talento e garantir sustento com as gorjetas

Rafael Machado
4º período de Jornalismo

Realizar os afazeres do dia a dia por Uberaba é garantia de encontro com os artistas de rua. Eles promovem o encontro da arte com os cidadãos e buscam o sustento por meio das gorjetas.

Daniela Camargo, de 23 anos, é uma dessas artistas que ganham a vida levando a alegria para os motoristas. A malabarista chega às sete da manhã ao semáforo. No meio do dia, recarrega as energias em casa e, no período da tarde, treina para as apresentações do próximo dia. Ela também se dedica a fazer artesanato que vende na Internet.

Caracterizada de palhaça, com jeito meigo e ao mesmo tempo forte para trabalhar, Daniela conta que nasceu em Barretos, São Paulo, e que sua paixão pela arte de rua nasceu quando viajou para Guaíra, aos 17 anos. Lá, ela conheceu um *hippie* que vendia artesanatos variados como pulseiras, colares e pingentes. "Curti muito a arte dele. Pegamos amizade e logo começamos a viajar para Franca, Rio de Janeiro e outras cidades até chegar em Uberaba."

> "Na rua, podemos mostrar quem somos de verdade para as pessoas

Foto: Rafael Machado

A artista de rua Daniela Camargo, de 23 anos, optou pelos malabares e pretende cursar Ciências Sociais

Na cidade, Daniela procurou trabalho fixo por um ano e meio. Conseguiu em uma loja de *fast food*, porém, preferiu a liberdade. Um dia qualquer, voltando pra casa, lembrou que tinha aprendido alguns movimentos de malabares e resolveu praticar. "Pensei: 'vou parar de trabalhar nessas empresas que nos limitam e cortam nossa criatividade.' Eles não nos deixam evoluir. Sempre nos fazem pensar que somos substituíveis."

Ela diz que ser cordial, desejar um bom dia e arrancar sorrisos das pessoas fazem com que ela tenha a sensação de dever cumprido. "Na rua, podemos mostrar quem somos de verdade para as pessoas e ver que elas nos aceitam. Apesar de sofrer alguns preconceitos, eu posso levar a felicidade para elas. É muito gratificante."

Dani mora em uma república e o dinheiro que recebe na rua é suficiente para arcar com suas despesas. Segundo ela, a cada duas horas, em média, ganha R$80. "Eu trabalhava no *fast food* ganhando R$ 4,10 por hora."

Mas nem tudo é divertido. Há o preconceito. "Se você não aceita um palhaço de rua, mas aceita um circo é porque ele está gerando dinheiro. Se o artista de rua não gera renda, logo, é cortado do sistema."

A artista de rua afirma que algumas pessoas já tentaram interromper o trabalho dela inclusive, numa tentativa de atropelamento.

Para o futuro, Daniela pretende se graduar em Ciências Sociais ou Serviço Social. A proposta é integrar arte e cultura, proporcionando conhecimento e oportunidades para diferentes comunidades.

"A arte vem de dentro. O que faz você um artista não é o dinheiro", finaliza.

issuu-downloader.com

Fotos: Débora Duarte

A artesã Patrícia Ferraz dos Santos vende artesanato há dois anos e afirma que a intolerância da população é a maior barreira encontrada no cotidiano de trabalho

A arte de recomeçar

Patrícia deixou o emprego em sua cidade para se dedicar ao artesanato nas ruas de Araxá

Débora Duarte
5º período de Jornalismo

"Para muitas pessoas, nós somos invisíveis. Existe muito preconceito, mas a verdade é que eu estou aqui como uma vendedora de qualquer loja."

Entre gestos e palavras, olhares e pensamentos diferentes, a individualidade de cada pessoa que anda pelo Calçadão de Araxá é observada pela artesã Patrícia Ferraz dos Santos, de 29 anos. Quem vê o largo sorriso em seu rosto e o carisma em seu atendimento nem imagina o que ela já passou.

Órfã de mãe desde os seis anos de idade, foi obrigada a sair de Catalão (GO) com os três irmãos para morar com os tios, em Uberlândia (MG). "Morar de favor era complicado. Existiam muitos problemas e desentendimentos. Eu e meus irmãos vivíamos mudando de casa."

Obrigada a amadurecer muito nova, viveu a maior parte de sua vida convivendo com adultos. No Natal de 1999, aos 12 anos, Patrícia foi morar com a tia Maria. "Tudo que eu não tive a vida toda tinha na casa da minha tia. A única coisa que ela me exigia lá era o estudo."

O tempo passava e Patrícia tinha, a cada dia, novas obrigações. Logo, começou a trabalhar em um buffet infantil, depois, como cabeleireira, como atendente numa sorveteria, operadora de telemarketing, até se apaixonar pela arte de vender. Trabalhou por muitos anos vendendo roupas, calçados, até pacotes de assinatura de canais de televisão.

"Tudo que eu pegava para vender eu vendia. Aprendi que se você não confiar no que você vende, nunca irá convencer quem compra."

> "É muito gratificante ver que as pessoas gostaram de algo que eu fiz

issuu-downloader.com

> As pessoas precisam deixar a discriminação de lado e compreender que, por trás do artesanato, existe uma vida, uma história

Maria Alice, filha mais nova de Patrícia, diz que quer ser *hippie* quando crescer

Entre o trabalho e a vida pessoal, aos 21 anos, ela engravidou de Maria Clara, sua primeira filha. Quatro anos depois, veio a caçula, Maria Alice. Suas despesas aumentaram e as responsabilidades também. Todavia, ela anseia que a história de suas filhas seja diferente da sua.

"A verdade é que criança não precisa de dinheiro, precisa apenas de atenção, amor e carinho. Quero que elas estudem, façam curso superior nas melhores universidades do país e tenham tudo que eu não tive."

O ano de 2015 foi marcante para a vida de Patrícia. Ela conheceu Sérgio, seu namorado, decidiu largar o emprego, em Uberlândia, e mudar-se para Araxá, a fim de trabalhar com ele em sua banca de artesanato.

"Nunca tinha pensado em artesanato na minha vida. Mas decidi transformar a minha história porque quando você muda seu ponto de vista, tudo muda. Antigamente, eu me prendia a muitas coisas, roupas, dinheiro, calçados, enfim, bens materiais. Hoje, fechei aquele ciclo da minha vida."

Em pouco tempo, ela já sabia fazer pulseiras, colares e confeccionar filtros dos sonhos.

"É muito gratificante para mim ver que as pessoas gostaram de algo que eu fiz. Quando eu vejo alguém passando aqui na rua com algum acessório confeccionado por mim, não tem preço."

Por outro lado, existe intolerância. Segundo a artesã, muitas pessoas não consideram o trabalho artístico como uma forma digna de trabalho.

"É muito complicado trabalhar na rua. Além de ter que aguentar os fiscais, é preciso aguentar as pessoas. Elas passam aqui, falam mal, dizem que precisamos arrumar um emprego de verdade. Eu poderia facilmente largar aqui e ir trabalhar em uma loja, numa lanchonete ou em qualquer outro lugar, mas eu escolhi aqui porque realmente gosto, afinal, quando a pessoa não gosta do que faz, nada dá certo."

Para a artesã, vender tornou-se muito mais do que convencer alguém a comprar. É criar um elo de afeto e respeito.

"Eu amo o que eu faço. Fica estampado no meu rosto. As pessoas precisam deixar a discriminação de lado e compreender que, por trás do artesanato, existe uma história".

issuu-downloader.com

Um **filho** de Odé, um **soldado** do axé

A trajetória de um pai de santo que, há 18 anos, se dedica ao Candomblé Jeje Mahi

Wendel Nascimento
5º período de Jornalismo

Todos os dias, ao acordar, a primeira coisa que ele faz é agradecer a Deus por estar vivo. Depois, se levanta, vai até o banheiro, escova os dentes e se prepara para tomar o sagrado café da manhã, que jamais pode faltar. Após a refeição, ele se dirige à entrada da casa para louvar o Exu, o orixá que representa o Deus do caminho e da purificação. Exu é o guardião da casa. Ele quem deixa entrar as verdadeiras amizades e as coisas boas e barra as energias negativas.

Ao fim do ritual, ele vai para o kpegji, um quarto sagrado onde estão todos os santos. Ele ilumina seu santo Odé e também os santos do dia. Assim como em outras religiões, no Candomblé, cada dia é dia de um orixá diferente.

> "Mesmo sendo criança, já sentia algumas vibrações. Tinha dias em que eu não queria nem ir

No decorrer do dia, o sacerdote se divide entre atender clientes e cuidar dos filhos de santo. É assim que vive, há 18 anos, o pai de santo Humbonó Rodrigo d'Odé.

Oriundo do Candomblé Jeje Mahi, Rodrigo é conhecido como um dos mais importantes pais de santo da região de Araxá.

Aos 36 anos, é um defensor na luta contra a intolerância religiosa.

Nascido em Lavras, no Sul de Minas Gerais, Rodrigo viveu grande parte da infância na cidade de Arcos com os pais e cinco irmãos. Em torno dos sete anos de idade, teve o primeiro contato com uma religião de matriz africana. Enquanto os irmãos mais velhos saiam à noite para trabalhar e namorar, o caçula acompanhava a mãe no centro de Umbanda.

Sem entender do que se tratava, chegava no terreiro, ia para um local reservado, deitava e até dormia. "Mesmo sendo criança, já sentia algumas vibrações. Tinha dias em que eu não queria nem ir", diz Rodrigo.

Com o tempo, retornou a Lavras e afastou-se da religião. Um dia, já com 14 anos, andava pelas ruas com um grupo de amigos quando um deles o chamou para conhecer um terreiro de Umbanda. Lá, conheceu mãe Tereza, sua primeira mãe de santo.

Ao completar 18 anos, migrou para o Candomblé Jeje Mahi. "A Umbanda não me completava e nem respondia às minhas dúvidas. Sempre fui muito curioso. Sempre quis saber por que uma coisa levava à outra. O porquê de uma incorporação, o porquê da entidade, como ela chegou à Terra. As pessoas da Umbanda, naquela época, não me traziam essas respostas", pondera Rodrigo.

A religião

O Candomblé Jeje Mahi é uma religião que cultua os vodus do reino unido de Dahomey. Eles foram trazidos para o Brasil pelos africanos, escravizados em várias regiões da África Ocidental e África Central. No Brasil, eram chamados de jeje (do yoruba àjèjì, que significa estrangeiro, estranho). Uma designação que os yoruba, no Daomé, atribuíam aos povos vizinhos. Eles foram introduzidos em Salvador e São Félix, na Bahia, em São Luís, no Maranhão, e, posteriormente, em vários outros Estados do Brasil.

Foto: Arquivo Pessoal

O pai de santo Rodrigo d'Odé enfatiza a necessidade da dedicação

É no município de Cachoeira, na Bahia, que se concentra uma das maiores casas de jeje mahi do Brasil, fundada por Gaiaku Luiza de oyá. Ela é vó de santo de Rodrigo.

Para integrar a religião, existem rituais. Rodrigo passou pelo processo de raspar a cabeça e ficar recolhido dentro na casa de Candomblé por 21 dias para se purificar das coisas ruins do mundo. Aprendeu os fundamentos do jeje mahi que compreendem acordar às cinco horas da manhã para rezar e tomar banhos de ervas.

Seguindo o ritual de iniciação, às dez horas, é preciso rezar novamente. Na hora das refeições, outras rezas.

Rodrigo passou os dias

issuu-downloader.com

Foto: Wendel Nascimento

O babalorixá Rodrigo ensaia um de seus filhos de santo para um ritual do Candomblé

vestido de branco, andando com a cabeça baixa e apenas passando de lado nas portas.

Após os 21 dias, ele estava pronto para viver a religião. Foi realizada uma grande festa. Nessas comemorações, são convidados os amigos e familiares para presenciar o nascimento no Candomblé. Cada um recebe um nome em Yorubá.

Têm início os três meses de preceito, em que se inicia um rigoroso jejum. Sexo, bebidas, festas, roupas coloridas e vaidade devem ser esquecidos. Nem se olhar no espelho é permitido.

De acordo com a religião, é uma forma de libertar-se totalmente da soberba humana.

O sacerdote

Para se tornar um sacerdote, ou pai de santo, são necessários sete anos no Candomblé.

Rodrigo, ao tomar essa decisão, sabia que a vida iria mudar totalmente, principalmente, porque a dedicação é constante.

"Escolher ser um pai de santo não é uma decisão fácil. Não é à toa que nem todos que estão no Candomblé querem essa atribuição, mas tenho certeza que escolhi o rumo certo para a minha vida", conclui Rodrigo.

Em 2007, ele tornou-se oficialmente um sacerdote e decidiu mudar-se para Araxá e abrir uma casa de Candomblé.

Foi em uma residência alugada, no bairro Jardim Imperial, que ele iniciou os trabalhos. Depois de quatro anos, conseguiu um terreno para a construção da sede própria, no Parque das Flores.

O terreno veio como um presente. Foi um agradecimento de uma cliente que foi atendida por uma entidade chamada Cigana Encantada Sete Saias.

A intolerância

Assim como qualquer adepto de uma religião de matriz africana, Rodrigo teme a intolerância religiosa.

Dados da Agência Brasil apontam que 70% dos casos de intolerância religiosa são dirigidos às religiões afro-brasileiras. Casos como o de crianças apedrejadas e terreiros invadidos e queimados são fatos que ilustram as estatísticas.

"Muitas pessoas podem não compreender nossa religião, sempre pensam que tudo é ruim, mas a minha casa, pelo menos, eles respeitam."

Apesar de nenhum incidente, há câmeras de segurança por toda a casa. "Nunca pensei que isso fosse necessário, mas tenho medo. Não consigo nem imaginar o que passa na cabeça das pessoas que cometem esses crimes. Colocam adultos e crianças em risco. Isso não se faz."

Vida

Débora Duarte
5º período de Jornalismo

O ser humano é o único ser capaz de pensar, agir e fazer acontecer. A vida é movida a desafios, sonhos, metas, determinação e conquistas. Cada pessoa tem o direito de escolher e trilhar seus próprios caminhos, construir seus próprios projetos e fazer de suas metas motivações para seguir em frente. Essa escolha determina a direção e o rumo que a história irá levar.

Nada na vida é impossível. Cada sonho, cada projeto, por mais distante que pareça estar, fica mais perto à medida em que torna-se objetivo principal. As pessoas são do tamanho de seus sonhos e a vida só se torna realmente linda com a sensação da realização do que a gente sonhou.

Porém, nessa caminhada da vida, muitas são as pedras no caminho e inúmeros os obstáculos para alcançar os objetivos. Só alcança a vitória quem batalha, com garra e determinação.

Desistir, nem pensar, afinal muitos desistem quando estão à beira da vitória. Mas se esquecem que, como em um jogo na vida, também é necessário tentar até o último minuto, afinal, o gol da vitória pode acontecer naquele contra-ataque inesperado, quando ninguém mais acreditava.

"Ninguém", exceto você!

A persistência é a jogada fundamental para se alcançar o êxito. É exatamente, nesse jogo, onde o adversário parece imbatível , que a garra é o mais importante. Para que a sua vitória aconteça, entre em campo, pois os adversários estão preparados. E você?

Foto: usidelas

issuu-downloader.com

Foto: Anassilvia Bortoluzzi / vice.com

Filhos de fé

Umbanda, a força da natureza que incentiva seus seguidores

Giovanna Hermice
5º período de Jornalismo

A Umbanda é uma religião considerada brasileira, com 108 anos, que recebeu influências da cultura africana, a partir da chegada dos escravos e seus cultos aos orixás da religião lorubá. Essas tradições se juntaram aos costumes indígenas e também às influências da cultura europeia.

Os europeus obrigavam os negros a praticar o catolicismo. Para não serem punidos e nem negarem suas origens, os escravos associaram os santos da igreja católica aos orixás. Esse sincretismo religioso da Umbanda reúne 401.332 mil pessoas no país, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa realizada em 2010.

O patrono da religião é Zélio Fernandino de Moraes, conhecido como Pai Zélio. Segundo os estudiosos da religião, aos 17 anos, teve uma paralisia que os médicos não conseguiam diagnosticar a causa. Ele dizia coisas que não pareciam ser da cabeça dele. Foi levado à Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói, e incorporou o Caboclo das Sete Encruzilhas, que disse que seria iniciada uma nova religião.

Essa história é semelhante à de Heloísa Helena Coelho Manzano Ribeiro, de 57 anos. Na adolescência, ela sofria com problemas na coluna. A família dela tinha laços de amizade com o médium Chico Xavier e então fez uma consulta a ele. O líder espírita teria dito que a missão dela estaria ligada à Umbanda. Orientada pelo seu mentor espiritual, aos 17 anos, fundou o Centro Espírita Caboclo Sete Flechas.

> “Quando viramos de costas para o altar, estamos de frente para o Exu

É noite de quarta-feira no residencial Estados Unidos, em Uberaba. Com uma saia longa de renda, um turbante, vestida toda de branco, Heloísa ressalta apenas o

issuu-downloader.com

colorido de sua guia, ou seja, o colar que a médium usa com sete voltas e sete cores de seus orixás.

Ela está em dia de trabalho. Repousa em sua cadeira, com o rosto apoiado em sua muleta. O sorriso sempre fica no rosto e o brilho dos seus olhos verdes também. É cumprimentada por todos os médiuns como mãe e concede a benção aos seus filhos de fé.

Antes de iniciar o trabalho, é realizada a firmeza, rito em que se acendem velas brancas, em oração, acreditando estar firmando uma força. O congá (altar sagrado) abriga santos católicos, caboclos, pretos velhos, água de Oxalá, água de Iemanjá e outros adornos.

Diante do congá, todos os médiuns se ajoelham e pedem proteção aos seus anjos da guarda. Se deitam no chão para reverenciar os Orixás. Posteriormente, todos, incluindo os fiéis, rezam o Pai Nosso e a Ave Maria.

Os sons emitidos pelos atabaques marcam o ritmo para os cânticos da Umbanda, conhecidos como pontos cantados.

> "Isso aqui é uma responsabilidade muito grande. Você mexe com a vida

Quem está no centro deve virar as costas para o congá. "É uma forma de despachar Exu", explica Heloísa.

Exu, na África, é um orixá que representa a virilidade masculina, o vigor, a irreverência e alegria. Na Umbanda, representa o guardião da casa. "Quando viramos de costa para o altar, estamos de frente para recepcionar Exu", explica a médium.

É possível sentir a leveza tênue da fumaça que exala ervas cheirosas difundida por todo o centro com um defumador. É um processo essencial no terreiro para livrar todos ali das cargas pesadas que estão no corpo. O ritual continua. Os adeptos da religião continuam suas rezas e cantam aos olhares atentos de Heloísa: "...Eu incenso, eu incenso essa casa, na fé de Oxóssi, de Ogum e de Oxalá..."

Depois da defumação, é realizada a saudação a dois orixás.

Uma expressão comum de se ouvir na casa de Umbanda é "Saravá", que significa a força que movimenta a natureza.

Cada trabalho é uma gira diferente. Na noite em que esta reportagem foi produzida, era de Boiadeiro e de Marinheiro, ou seja, havia vários médiuns incorporados daquela linhagem de entidade. "É deixada uma intuição comigo ou com meu irmão de qual entidade virá. Podem vir outras, mas aquelas são certeza", esclarece Heloísa.

Quando os médiuns incorporam e as entidades chegam à casa, cumprimentam Heloisa. O Marinheiro curva-se de braços cruzados e bate no chão, enquanto o Boiadeiro tira as mãos, que estavam presas nas costas, lançando o seu laço.

Lá está, no meio dos médiuns, seu irmão, Germano Manzano Neto. À frente do centro há 32 anos, puxa os pontos cantados em alusão às entidades.

Apesar de cantar, ele está bem atento a tudo que acontece. Vestido todo de branco, carrega a toalha amarela no ombro para enxugar o suor.

"Isso aqui é uma responsabilidade muito grande. Você mexe com a vida, com a cabeça de pessoas e mexer com cabeças de pessoas não é fácil. O ser humano é muito complicado. Muita coisa que você vê de errado, dentro da religião, não é culpa das entidades e nem dos espíritos e sim da pessoa que procura", afirma Germano.

O centro é mantido por uma taxa mensal cobrada dos médiuns. O dinheiro serve para pagar a energia, a água e os serviços de limpeza. Há ainda as doações de materiais utilizados, como

Fotos: Giovanna Hermice

Heloisa Manzano responde pelo Centro Caboclo Sete Flechas

Germano Manzano coordena o encerramento dos trabalhos

issuu-downloader.com

bebidas, velas, cigarros e charutos.

Incorporação

Germano, com 55 anos, é aposentado desde 2007, em razão de Lesão por Esforço Repetitivo (LER). Foi caixa bancário por 16 anos. É pai de duas filhas e casado, desde 1983, com Rosângela de Fátima Romão.

Adeptos da Umbanda, eles garante não intrometer no ofício um do outro. Enquanto Germano coordena o Centro Caboclo Sete Flechas, há 32 anos, Rosângela assumiu a presidência do centro de Umbanda Sagrada Maria Vovó Conga, há seis anos.

"Eu estava grávida da nossa filha mais velha. Ele chegou em casa dizendo que iria tomar um passe. Respondi que não iria, que aquilo era coisa do demônio. Coisa esquisita. Porém, ele teimou. Fiquei nervosa, joguei ovos nele, brigamos", diverte-se Rosângela.

A partir daquele dia, Germano gostou e passou a frequentar o centro dele, mesmo a esposa não sendo a favor da religião. Ela tinha receio do desconhecido e do que os espíritos poderiam revelar.

Rosângela conta que, um dia qualquer, o marido chegou e perguntou: "onde você vai?". Ela então respondeu que iria ao centro tomar um passe. "Ele simplesmente quase caiu para trás. Foi como se na noite anterior alguma coisa tivesse agido e me tirado aquele medo", conta Rosângela.

Foto: Giovanna Hermice

Após a desincorporação os médiuns realizam suas orações como forma de agradecer pelo trabalho

Depois de quatro meses frequentando o centro, ela entrou para a corrente e passou a trabalhar na linha de passe. "Já na primeira vez, eu senti a incorporação, que é a sensação de você ver tudo, ouvir tudo, mas não ter domínio do seu corpo, foi uma coisa inexplicável!", vibra ao lembrar.

Popularmente conhecida como incorporação, termo que dá erroneamente a impressão de que o espírito se apropria do corpo do médium, este tipo de mediunidade é denominado psicofonia. Baseia-se no ato de o médium emprestar sua voz ao espírito, que transmite pensamentos e sensações. Segundo os estudiosos, não há fusão, mas a troca fluídica do perispírito (corpo espiritual) dos desencarnados e encarnados.

Rosângela conta que teve dificuldades em aceitar que não tinha comando do seu corpo. Aos poucos, foi entendendo que muitas coisas que os espíritos falavam não tinham relação com o que ela pensava. Um processo que demorou cerca de dois anos.

Para que seus filhos não enfrentem a mesma dificuldade, Rosângela realiza um trabalho de auto-conhecimento. "O médium tem que ser comprometido. Ajuda que o espírito faça a caridade", conclui.

Germano não teve tanta dificuldade de aceitação. Na segunda vez que retornou ao centro, estava na linha de passe, quando uma entidade encostou. Ele duvidou, mas logo compreendeu. De acordo com o médium, não existe tempo médio para a entidade ficar, depende do trabalho já realizado. "Os espíritos respeitam a matéria, tanto que se você não estiver em condições físicas, eles não encostam", esclarece Germano.

> "Os espíritos respeitam a matéria, tanto que se você não estiver em condições físicas, eles não enconstam

Ele salienta que não aceita uma incorporação acima de duas horas, pois é muito desgastante para qualquer médium. "Quando termina, a gente sente um cansaço físico gostoso. Não é aquele cansaço de trabalhar o dia inteiro no serviço. Te traz uma paz de espírito, pois você foi objeto para ajudar alguém. É interessante!".

Caridade

A caridade é o princípio da Umbanda. Germano vivencia este lema. Continuou o trabalho da farmácia comunitária idealizada pelo pai, Jesus Manzano.

issuu-downloader.com

Fotos: vice.com

A religião utiliza sons produzidos pelos pés e mãos dos adeptos

Vereador, radialista, o espírita faleceu nos braços do filho, em 2010, vítima de uma parada cardíaca. Eles estavam na farmácia, que fica no centro de Umbanda.

Qualquer pessoa que chegar, aos sábados, entre 7h e 9h30, precisando de remédio e com uma receita médica é atendida. "Você pode não precisar do remédio, mas veio pegar para depois entregar a uma pessoa que precisa, como vou questionar?", indaga Germano.

São sete prateleiras de remédios organizadas em ordem alfabética. Há mais de meio século, as doações são realizadas por médicos, representantes comerciais de empresas farmacêuticas e outros colaboradores. Germano também doa medicamentos para outros centros, inclusive kardecistas, que também atuam com este tipo de trabalho.

Ao lado da farmácia, há um almoxarifado onde são guardados os equipamentos hospitalares que o centro empresta: cadeiras de rodas, cadeiras de banho, muletas, andadores e cama de hospital. No centro também foram construídos, dois consultórios que estão inativos, por não haver médicos voluntários.

Te traí, **mas é culpa** do meu signo

Tharissa Sanches
5º período de Jornalismo

Vamos falar sobre signos. É só abrirmos as redes sociais que veremos um bocado de compartilhamentos e páginas sobre esse tema. "Qual é seu signo?". Essa tornou-se a pergunta obrigatória em um início de conversa, logo depois do "Oi, tudo bem?". Saber o mapa astrológico do amigo, namorado, paquera e familiares tornou-se quase uma obrigação. Esse tal mapa analisa praticamente todos os aspectos da personalidade de um indivíduo.

Confesso, sou adepta da Astrologia também, porém, deixar que as previsões interfiram na relação ou que justifiquem erros é um equívoco.

A Astrologia sempre foi muito popular, mas a maioria se limita às previsões diárias. Era comum observar as pessoas ligarem o rádio pela manhã ou abrirem os jornais para saber do horóscopo do dia. Se os acontecimentos fossem como disseram os astrólogos, seria uma justificativa para os erros e acertos. Entretanto, como geralmente ocorria, se fosse totalmente diferente, causava dúvidas quanto à legitimidade da previsão. Entretanto, o ritual seguia o mesmo na manhã seguinte.

Hoje, com a variedade de *sites*, como o Viastral, onde você pode fazer o mapa astral e receber informações gratuitamente, e com as páginas de humor sobre signos no Facebook e Twitter, a curiosidade entre os jovens foi aguçada. E, sim, tem tudo a ver.

É surpreendente como, ao analisar seu próprio mapa, verá o quanto de você tem ali, mas essas informações viraram justificativas para erros da vida.

O que se conhece, por exemplo, do signo de Áries, popularmente, não é tão legal assim. Segundo os astrólogos, arianos tendem a ser pessoas frias e explosivas. Pois bem, isso é realmente uma verdade, mas justificar uma briga ou uma injustiça por conta de ser ariana ou ariano é um absurdo. Além de não se apoderar dos outros aspectos positivos do signo, legitimando a fama ruim, mostra que se fez uso errado da informação.

Ilustração: keywordsuggest.org

É a mesma coisa que acordar de mau humor e descontar nas pessoas que não têm relação nehuma com esse sentimento.

A informação serve para se ter conhecimento de um assunto e, a partir de então, buscar um direcionamento. Se você tem conhecimento de um problema, então, a maneira coerente de utilizar essa informação é se previnir.

Da mesma forma, não devemos deixar de namorar, por exemplo, uma pessoa de Escorpião, que tem fama de safada e vingativa, só porque o signo traz essas características.

Se todas as pessoas tivessem as características do signo solar (o signo do mês que nasceu), seríamos um bando de cópias, com apenas 12 edições diferentes.

Se você quer seguir essa onda de signo, use a seu favor e com responsabilidade. É um perigo julgar as pessoas. Não se esqueça que, além das características que os astros nos impõem, cada um tem uma bagagem de vida influenciando a personalidade. Justificativas, na grande maioria das vezes, não passam de covardia.

issuu-downloader.com

Fotos: Mara Poliana

Uma só **agulha,** uma **vida** apenas

Regada de sofrimento, Rosilda aprendeu no crochê a transformar suas dores em flores

Mara Poliana
5º período de Jornalismo

Se der errado, tem que começar de novo. Nem tudo foi feito para aceitar remendo. Com calma, desfaz e refaz até acertar, por prazer ou necessidade. Na malha ou na renda. Uma agulha só. Uma vida apenas.

"Eu vou te ensinar, senão você vai acabar com o nome da família." Aos oito anos, foram estas as palavras que Rosilda cansou de ouvir de sua avó. Aprender o crochê, na visão de Mariinha, colocaria a neta tão levada e apimentada nos caminhos certos da vida.

A frase que um dia fora peso, hoje, 43 anos depois, é lembrada e pronunciada com leveza. Enquanto menina, foi mergulhada em um tempo bem à frente do seu. O direito ilimitado de brincar, muitas vezes,

issuu-downloader.com

foi trocado pela responsabilidade de aprender. Juntamente com a avó e somente para obedecê-la, às quartas-feiras, sobrevivia a tardes intermináveis dentro da igreja com senhoras que só conversavam nos verbos bordar, crochetar e tricotar. Em algum plano celestial, quase posso ouvir Mariinha sorrir ao assistir às desventuras da neta.

De repente, Rosilda está ali, em sua pequena loja de artesanatos, me contando que sabe fazer todos eles. No centro da cidade, dentro de uma feira artesanal, o lugar é cheio de cores e personalidades.

É como se cada peça feita pelas suas mãos contasse um pouco mais de sua história. Alguns revelam dias deslumbrantes, cheios de certezas e realizações, enquanto outros, de cara, alertam de suas dores. Descubro, então, que a arte é o espelho de sua alma.

> "Eu nunca imaginei que eles carregariam um pouco de mim, tanto no crochê, quanto na personalidade

Sentada em um banquinho de madeira, faz um curativo em uma das unhas que quebrou rente à carne. Enquanto gemo por ela, mal imagino o quanto é pequeno perto das feridas que seu coração já curou.

Na adolescência, suas mãos já conheciam a responsabilidade de um trabalho árduo. Em uma família pobre e tradicional, aos 14 anos, já trabalhava com os pais em plantação e colheita de lavouras.

Ao completar os 15, momento em que as meninas anseiam por ganhar presentes e festa, a menina, em vez de debutar, recebe a notícia que vai se casar ou, pelo menos, deveria. Porém, não serviu o café ao moço, tradição esta que sua irmã gêmea provou que funciona, enquanto Rosilda fugia pro outro lado da esquina, negando-se ao enlace.

E, enquanto fala, observo-a sorrindo de situações que talvez antes nunca fossem engraçadas, mas que agora, com a maturidade, se permitiu um olhar mais leve para elas.

Rosilda é riso fácil. A pele negra, reluzente como a noite, não revela suas primaveras. O cabelo é trançado por ela mesma, preto e branco, luz e trevas. Seus olhos são como Lulu Santos diz, "são olhos de jabuticaba". É apaixonada pela vida, pelo trabalho, pelos

Fotos: Mara Poliana

Rosilda realizou um curso de artesanato pelo Sesc e aprendeu a criar peças com folhas de bananeira

três filhos e dois netos.

Seu ventre conheceu vida aos 17 anos. A avó quem contou pra mãe Irani. O pai Benedito quase não pôde acreditar no que ouviu. Não aceitou o genro, nem a neta, até que ela cresceu e tornou-se sua preferida. A sociedade, previsível, não a perdoou, e a fez sentir na pele a dor do preconceito, enquanto recebia a dádiva de ser mãe de mais dois filhos.

Gláucia (34), Jerry (24) e o caçula Luan (19). São estes os pilares que sustentam esta mulher de fibra. Rosilda lembra, com entusiasmo, que, enquanto amamentava Luan no peito, aproveitava as mãos livres para tecer. De repen-

issuu-downloader.com

te, conta que todos sabem crochetar. Quando ficou acamada com problemas renais, os filhos, na calada da noite, juntaram-se para terminar os trabalhos da mãe. "Eu nunca imaginei que eles carregariam um pouco de mim, tanto no crochê, quanto na personalidade", diz.

Foi a maternidade quem a levou definitivamente ao crochê. Na busca pelo que alimentá-los e ciente que não poderia deixar a responsabilidade de criar os filhos nas mãos de seus pais, lembrou-se que era hora de utilizar os ensinamentos da avó.

Na antiga galeria de artesanatos situada no Barreiro, obteve a oportunidade de não só aprimorar o crochê básico que já conhecia, como também a fazê-lo de forma personalizada.

Fotos: Mara Poliana

Todo domingo, na feira do Urciano Lemos, Rosilda trabalha em sua barraca de pimentas e flores das 7h às 12h

Estudiosos afirmam que, na pré-história, não se usavam agulhas e sim os dedos para se fazer o crochê. Durante a grande fome irlandesa, período de miséria, doenças e emigração em massa, entre 1845 a 1849 na Irlanda, freiras ensinaram mulheres e crianças locais a fazer o crochê.

> "O diagnóstico preciso, nem os médicos disseram. Professores, psicólogias e psiquiatras desistiram de ensinar

Os trabalhos eram mandados por toda a Europa e América e comprados pela beleza e também por questões caridosas para ajudar aquela população faminta. A Rainha Vitória, que comprava renda de crochê irlandês, ficou tão encantada com esta arte que até aprendeu a crochetar.

A palavra crochê é derivada do francês crochet e significa gancho. Coincidentemente ou não, foi exatamente através de um (da agulha) que a história de Rosilda começou a ganhar outro rumo. Lembrou-se então que aquelas tardes intermináveis na igreja poderiam agora salvá-la. E salvou. Uma. Duas. Três vezes.

Jerry é especial. O crochê e a dança o salvaram. Crises de convulsão e a dificuldade para aprender foram as lutas diárias da miúda criança que não se desenvolvia. O diagnóstico preciso, nem os médicos disseram. Professores, psicólogos e psiquiatras desistiram de ensinar. Mas amor de mãe não conhece ponto final na história de uma cria.

"Duas vezes pra lá, três vezes pra cá", no crochê, era assim que Rosilda ensinava Jerry a tabuada escolar. As mãos, quase atrofiadas pelos ossinhos que não acompanhavam seu crescimento, logo desenvolveram-se no encontro com a agulha que sempre é tão solitária. "Para abrir a mente dele, um pouquinho eu usei o crochê e o crochê abriu muito a cabeça dele", diz.

Na falta do dinheiro para a fisioterapia, a criatividade de mãe aflora. Agora, dançam. Os corpos brincam ao som de incansáveis batucadas, pés sapateiam nas impossibilidades e os santos ajudam até o raiar do dia. Rosilda e Jerry, no meio de tanto o que recla-

issuu-downloader.com

> Há semanas que são as mulheres quem as procuram, outrora são os homens

mar, decidiram ousar.

O congado agora é sangue que corre em suas veias. Juntamente com o crochê, conta histórias de superação porque, de repente, o menino cresceu.

Hoje, com os filhos adultos, Rosilda divide seu tempo trabalhando entre duas feiras e o crochê em casa. Inclusive, foi na barraca de pimentas e flores artesanais que a encontrei pela primeira vez em um domingo no bairro Urciano Lemos.

Cerca de 120 pessoas trabalham no local que, a céu aberto, passa por dificuldades quando as nuvens decidem descarregar suas lágrimas. Mas o projeto de construção da cobertura já está sendo implantado pela Prefeitura de Araxá. Atrás das barracas, estruturas já estão sendo levantadas, juntamente com a esperança de quem tanto luta e sobrevive dali.

Rosilda e Luiz, o marido com quem há 17 anos divide seus momentos, chegam no local às 7h da manhã. Com cuidado, tiram todo o material do carro e já armam a lona. A pimenta que vendem é de casa mesmo. Ela quem planta, colhe e faz conservas, inclusive de jiló. O inhame vem da fazenda onde o cônjuge trabalha a semana inteira.

Ao lado, arranjos e buquês de girassóis, tulipas e copos de leite feitos de crochê prendem a atenção da freguesia que, mesmo sem comprar, não deixa de elogiar.

As flores são únicas. Ainda que do mesmo modelo, não são idênticas. Cada uma possui uma subjetividade singular da artesã. Até o público nunca é o mesmo.

Há semanas que são as mulheres quem a procura, outrora, homens em busca do presente perfeito para as amantes.

Os clientes tornaram-se amigos. A vida passa muito rápido, e o casal aproveita esse tempo na prosa, com muito riso e generosidade. Rosilda vai ainda mais longe, para homenagear as mães no dia 12 de Maio: entrega um pedacinho de si para aquelas que ali transitam.

Uma flor em crochê vai para a casa dessas mulheres, cujos corações sempre escolhem amar e lutar pelos filhos.

Entre um cliente e outro, Rosilda conta que é a única dos seis irmãos que aprendeu o crochê. Na verdade, é a única em muita coisa. Nem sua comida, segundo ela, não é para pessoas "comuns".

Depois de uma temporada de dois anos em Goiânia, voltou não só com o visual diferente, mas com os olhos de quem conheceu outro mundo.

É vaidosa. Logo tira um batom da bolsa para ser fotografada. O marido apaixonou-se pela mulher mais exótica do forró, com roupas espalhafatosas e salto alto. Ele é quieto, alto, magro e tem sempre um sorriso no rosto. Também é artista. Seu artesanato na madeira é banhado de personalidade. Logo, quando se abraçam, percebo que se completam.

Já foi vítima de antigos relacionamentos abusivos. Foi, por muito tempo, mãe e pai em uma só pessoa. Já quis que o outro lado do colchão não tivesse o desenho do corpo de mais homem algum. Mas o coração não respeita a razão, e apaixonou-se.

Talvez agora, aos 51 anos, com os filhos criados e netos ao lado, finalmente esteja nos caminhos certos da vida. Através do crochê, aprendeu a transformar todas as suas dores em flores. É ali o ápice da libertação.

Assim como a agulha é um gancho que busca a linha, Rosilda vive em busca de um novo olhar para a vida.

Olhar de repórter

Quatro dias ao lado de Rosilda. O amor pela personagem foi à primeira vista. Descobri que esta era a história que gostaria de narrar, quando arrepiava ao ouvi-la contar sobre o seu trabalho. Ela é paixão, vontade, sangue quente e ama a vida, mesmo que difícil.

Me revelou momentos que, devido à ética, preciso respeitar. Mas muito mais que isso, quero preservar sua amizade e honrar sua história que, em minhas mãos, depositou com muito cuidado e dedicação.

Todos os dias me recebia com abraços de alma e sorriso no rosto. Nas histórias mais tristes, sempre abaixava o tom de voz, como se encolhesse a alma. Mas, na maior parte do tempo, ríamos até de nós mesmas.

Não estabeleci perguntas antes de visitá-la. Na verdade, quase não falei. Deixei que ela direcionasse as conversas, que abrisse o seu coração sem interrupção e ouvi, atentamente, seus desabafos.

O meu maior medo, talvez, seja não ser fiel a tudo que presenciei. Não é tarefa fácil traduzir sentimentos em palavras, é como se eu tentasse reduzi-los. E, de maneira alguma, gostaria que assim fosse.

Cada momento ao seu lado foi intenso. Trocamos confidências e, por alguns instantes, até esqueci qual era o meu objetivo ali. No último dia em que nos encontramos, na feira de bairro, saboreamos um delicioso caldo de cana. Entendi aquilo como um brinde a tudo que vivemos. Me despedi, não para sempre, mas com um até logo.

Guardo pra vida, não só acadêmica, uma experiência singular. Histórias que não quero esquecer. Memórias olfativas das pimentas e conservas das quais não quero me desvencilhar. São feitas com coração, e um coração sábio e desejoso de uma mãe que soube, acima de tudo, priorizar a família.

Infelizmente, não pude conhecê-los, mas Luiz, seu marido, foi o tempo todo prestativo e educado no que se referia a mim.

À Rosilda, deixo aqui minha admiração e respeito pela mulher forte e de coragem que é. Além de tudo, deixo agradecimentos por emprestar seu tempo tão precioso a mim.

Obrigada por me ensinar que, assim como o crochê, a vida não aceita remendos, mas pode ser desfeita e refeita, por necessidade ou prazer. Na malha ou na renda. Uma agulha só, uma vida apenas.

issuu-downloader.com

A **arte** de ser feirante

Silvano abre as portas da casa e do coração e divide um pouco de seu cotidiano na feira

Tatiane Barcelos
5º período de Jornalismo

Eram 3h40 da manhã de uma sexta-feira, quando cheguei à casa do feirante Silvano de Oliveira. Fui rápida. Sabia que, se me atrasasse, perderia os primeiros momentos do dia dele.

Estava frio. Neblina e chuva tomavam conta da rua silenciosa que recebia os primeiros raios do amanhecer.

Silvano é casado, tem três filhos e um neto. Todos os dias, exceto na quinta-feira, se dedica à fábrica de linguiça. Acorda por volta das 3h30, prepara o café para levar para a feira e enfrentar as ruas. Vai em busca do caminhão que fica estacionado no frigorífico, a 1,5 quilômetro. Volta para casa dirigindo o caminhão para realizar o carregamento. Primeiro, enche uma grande caixa de água, coloca as hastes de ferro e a lona da barraca. Depois, pouco a pouco, carrega as carnes para o baú resfriado. No outro veículo da família, está a carretinha onde carrega o caixa e a estufa para a exposição das peças.

> “Pessoas diferentes uma das outras começaram a ocupar o cenário, parecendo um parque de diversão

A esposa Denise e a filha Luane seguem também rumo à feira. Por onde passam, tudo é muito silencioso. A cidade ainda dorme enquanto Silvano vai em busca do sustento com a família. Durante o percurso, conversamos. Ele me contou sobre as dificuldades que enfrentou e enfrenta até hoje. Morava com os pais e os irmãos no Paraguai numa fazenda. Criavam porcos e começaram a vender a carne.

As origens

Silvano cresceu ajudando o pai e a mãe a vender carnes de porcos de porta em porta. Mesmo nos dias chuvosos, ele saía para entregar as carnes encomendadas a pé ou de carroça. Em volta da fazenda, havia sete serrarias onde moravam vários brasileiros. Com o passar dos anos, como o pai gostava muito do Brasil e tinha um apreço especial pela cidade de Uberaba, mudaram-se inicialmente para uma chácara para facilitar a criação dos porcos.

A trajetória dele na feira teve início quando tinha apenas 15 anos de idade. Vendia laranjas como empregado de um feirante. Aos 20 anos, resolveu investir no próprio negócio. Com as economias, comprou uma barraca de verduras, afinal, já tinha uma horta em um terreno próprio, onde produzia hortaliças.

Inicialmente, vendia alface, couve e cheiro verde. Aos poucos, foi incrementando o negócio e passou a comercializar outros produtos, como batatas, cenouras e frutas provenientes da Central de Abastecimento do município.

A feira

Eram 4h30, quando chegamos à feira. Outro processo teve início: a montagem da barraca e o descarregamento das mercadorias. Os funcionários já estavam à espera de Silvano e o ajudaram na organização.

A rua vazia e escura nem parecia local onde haveria uma grande movimentação de pessoas em poucas horas. O processo de montagem é lento, pois precisa-se anexar bem cada estrutura da barraca para não correr o risco de desmoronar. Outros feirantes também foram chegando e montando as barracas, dando forma ao ambiente.

Fotos: Tatiane Barcelos

Silvano mostra, orgulhoso, os produtos que comercializa

Após 40 minutos, a barraca do Silvano finalmente ficou pronta e os primeiros clientes chegaram.

Ele trazia um belo sorriso e oferecia um bom dia acolhedor aos clientes, com toda cordialidade. Em pouco tempo, pessoas diferentes umas das outras começaram a ocupar a feira.

Cores, movimentos, sons e cheiros trouxeram vida ao ambiente e alegria. Aliás, foi na

issuu-downloader.com

feira que Silvano conheceu conheceu a esposa Denise, com quem está casado há 28 anos.

Depois de alguns anos trabalhando com as verduras, ele resolveu investir em cereais. A barraca pertencia ao irmão de Denise. Conversa vai, conversa vem, se apaixonaram, namoraram e se casaram. Hoje, são parceiros na vida e nos negócios.

O empreendedor

Silvano é feirante há 37 anos. São 26 anos vendendo as carnes de porco. Como aprendeu com o pai e a mãe que tudo do animal deve ser aproveitado, decidiu moer a carne e montar uma fábrica de linguiça, ao lado da casa dele.

No início, a maior dificuldade era não possuir a câmara fria. Armazenava as carnes em 15 freezers e pagava caro pela energia. Agora, já está estabelecido.

O reconhecimento

Atualmente, Silvano é presidente da Associação dos Feirantes. Foi escolhido pelos colegas de profissão, há oito anos.

A admiração não vem só dos colegas de trabalho, mas dos clientes. Senhor Rubens visita a barraca do Silvano toda sexta para comprar costelinha de porco. "É a melhor da cidade."

A credibilidade foi construída com o tempo. Tempo que trouxe cansaço e alguns problemas de saúde ao feirante, como tendinite nos dois ombros e problemas na visão, que o impossibilitam de produzir como produzia antigamente. Mas ele não desiste. Ama o que faz e repassa aos filhos a lição de que tudo se consegue com muito esforço e trabalho. Uma forma de incentivá-los para manter viva a cultura da feira.

Foto: Arquivo PMU

Uberaba conta com a Associação dos Feirantes, lideradas pelo vendedor Silvano de Oliveira

O que é **urgente**

Giovanna Hermice
5º período de Jornalismo

Urgente é inalar amor e espantar o ódio. Urgente é transpirar a solidariedade sem olhar a quem. Urgente é ignorar o barulho do mundo e respirar a paz. Urgente é apagar o cigarro, que tanto lhe faz mal, e embriagar-se de alegria. Urgente é ligar para o amigo que está distante e se sentia sozinho até escutar sua voz. Urgente é falar mais sobre as coisas que ama do que as que não se ama. Urgente é acender o incenso para purificar o ar da casa e silenciar os pensamentos negativos. Urgente é resgatar a autoestima e olhar no espelho admirando o que se vê, sem limitar-se aos padrões estéticos cobrados pela sociedade.

Urgente é ir às reuniões familiares e cavar as lembranças antigas apenas para desencadear gargalhadas do pessoal.Urgente é acompanhar o desenvolvimento dos filhos na escola e brincar com eles. Urgente é desconectar-se do celular para viver o mundo real. Urgente é carregar menos a bateria do smartphone e mais as suas energias interiores.

Urgente é buscar forças naqueles momentos que parecem ser indigeríveis. Urgente é absorver conhecimentos ao invés de aceitar opiniões massificadas. Urgente é o encontro de duas pessoas no calor de um abraço, é o desejo de contar ao mundo como é sentir a paixão arder na pele. Urgente é cozinhar o melhor prato pra quem realmente te ama e depois dançar uma valsa no meio da praça, como se ninguém estivesse ali.

Urgente é cantar para espantar os males sem a preocupação do tom, letra ou afinação. Urgente é fazer da crítica um combustível para o aperfeiçoamento. Urgente é chocar a tristeza com um sorriso no rosto. Urgente é ter a ousadia de ser quem se é libertando de todos os preconceitos. Urgente é saciar-se com novas ideias, pois uma única ideia pode ser a inimiga da criatividade.

Urgente é liberar pela estrada alguns fardos desnecessários que, por algum motivo, se quis sustentar. Urgente é parar de projetar a sua mente no passado ou futuro e viver com atenção cada detalhe do presente. Urgente é não acrescentar barreiras e bloqueios mentais nas atitudes diárias.

Urgente é parar de repetir que não tem tempo. Urgente é separar algumas horas do dia para visitar as pessoas queridas. Urgente é agradecer ao levantar pela dádiva de viver, é sair do chão por perder a razão sem notar o tempo passar. Urgente é não deixar para amanhã o que pode ser feito hoje.

Urgente é pular bem alto na cama elástica da vida rumo ao seus sonhos, deixando-se levar por essa vontade de ser feliz que transcende a alma.

Foto: satlove.wordpress.com

issuu-downloader.com

Bênção, tio

Aos 73 anos, a trajetória de Laerte Resende é um convite ao passado do homem do campo do interior do Brasil

Luiz Gustavo
4º período de Jornalismo

A visita é familiar. Laerte Resende é o mais velho dos tios maternos. Nasceu em 31 de agosto de 1943 e tem uma memória de causar inveja.

Na tranquilidade que ainda nos reserva a cidade de Delta, o portão fica sempre destrancado. É domingo e a família está toda reunida. Um forró de música sertaneja dá o tom do churrasco. Após cumprimentar todos, começa a resenha.

A conversa passa por diversos assuntos. Até que a tragédia com o avião da chapecoense entra na roda. Após quase todos os especialistas comentarem sobre o acidente, o tio Laerte começou a atuar. Mais do que depressa, liguei o gravador e me aproximei.

> Quando chegamos lá, tava aquele 'montueiro' de cimento, corpo de bombeiro e polícia

Ele descreveu um acidente quase da proporção do que aconteceu com o time catarinense. "Aconteceu quando eu trabalhava na fazenda, em Engenheiro Lisboa. O trem deu problema na subida. O maquinista e o ajudante desceram para ir atrás de ajuda. E eu não sei o que aconteceu. O trem desceu, descarrilhou onde tinha árvores grandes... assim, ó", gesticulou, abrindo os braços em forma de círculo.

"Os dois vagões de cimento vieram e a máquina passou por cima também. Ficou tudo limpo."

Achei curiosa a capacidade de determinar o ano do acidente. "Acho que foi em 70, mais ou menos."

Horas mais tarde, em uma rápida consulta na Internet, tive a certeza dos números. No dia 26 de dezembro de 1970, quando a linha entre Amoroso Costa (Uberaba) e Jaguara (Sacramento) estava próxima de ser desativada, um trem descarrilhou. No último vagão, estavam os passageiros. Vinte e oito pessoas morreram.

"Nós ficamos sabendo no sábado de tardinha. Quando foi no domingo cedo, nós fomos lá. Quando chegamos, lá tava aquele 'montueiro' de cimento, corpo de bombeiro, polícia."

Mineiro, uai

A simplicidade é característica de quem nasceu e cresceu na zona rural.

Desde a infância, nunca teve luxo na vida. Ele perdeu as contas do número de fazendas onde morou. "Vixi, com o papai era um ano, um ano e pouquinho e nós estávamos mudando."

Colheu arroz, capinou lavoura de café, cuidou de animais, ou seja, sentiu na pele a labuta diária do homem do campo.

Em seu tempo, a regra era enxada na mão, pé no chão e comida no caldeirão. Assim, partiam cedo para roça, sem ter hora de voltar. Eram 11 irmãos. "Quando estávamos na fazenda do Guido, éramos muito pobres (emocionou-se). Mamãe não alimentava direito e tinha aquele monte de filhos."

Foto: Luiz Gustavo

As bodas de ouro marcam o companheirismo de Laerte e Maria Idalina

A saúde precária vitimou quatro dos seus irmãos. Mais tarde, ganhou outro. Atualmente, são oito.

A pronúncia ficou diferente e ele levou a mão em direção aos olhos. Ao erguer a cabeça, o olhar de tio Laerte estava lacrimejante.

"Papai ficou doente. Uns dois anos. Eu e a mamãe 'buscava' lenha para tentar vender na cidade".

A história de amor

Ele seguiu ajudando no sustento da família. Com o passar dos anos, o primeiro namoro chegou. Mas o seu coração batia mais forte por outra pessoa.

Visitava o sítio vizinho frequentemente. Era amigo de todos e admirado pelo patriarca daquela família que, mais tarde, seria seu sogro.

O motivo das visitas era

issuu-downloader.com

> Mamãe não alimentava direito. Tinha aquele monte de filhos

Maria Idalina Resende. Ela também namorava. Em uma conversa, Laerte pediu para que ela se separasse e que ele faria o mesmo para ficarem juntos. Para sua frustração, não foi atendido. Namorou outras duas moças e, sem se empolgar com os romances, seguia com as visitas estratégicas.

No mês em que comemorou 21 anos, na tradicional festa da cidade de Conquista, a mulher que lhe arrancava suspiros estava solteira. Eles passaram a festa separados. "Mas na hora de ir embora, eu fui e peguei na mão dela e estamos juntos até hoje."

Assim começou uma linda e longa história de amor.

Foram dois anos de namoro até subirem ao altar. Logo no primeiro ano, tiveram o primeiro filho, Lazairton Aparecido Resende, hoje com 48 anos. Ele continuou trabalhando em fazendas. "Morava na Engenheiro Lisboa, depois, no Tonim Bizinoto e na Chave de Cimento."

Entre idas e vindas, seis anos depois, veio o segundo filho, Laudemirton Aparecido de Resende. A derradeira é Laudenilce Aparecida de Resende.

Laerte e Idalina comemoraram no ano passado, junto aos filhos e netos, bodas de ouro. Lado a lado, eles continuam escrevendo essa história de superação e amor.

Em Delta

A última de três mudanças, após casados, foi em 1977 para Delta, ainda distrito de Uberaba. Havia poucas casas no povoado. "A usina estava bem no comecinho."

Não existia energia elétrica e muito menos água encanada.O trabalho sempre árduo e, em sua penúltima empreitada, foi para uma olaria. "Eu ajudei a montar aquela cerâmica."

Era servente na construção e, por sua eficiência, foi contratado para trabalhar na produção. Foram diversas atividades como transportar o barro em vagonetas, na prensa de telhas, carga e descarga. "Naquele tempo, a gente não tinha hora de parar. Tinha vezes que trabalhava 24 horas."

Entre tantas atividades na olaria, ele destaca a queima de forno. "É ruim o calor. Muito vapor. É a maior responsabilidade da cerâmica porque, se der um problema num forno daquele, você estragou o serviço inteiro de todo mundo."

Após 21 anos de labor, ajudou a desmanchar as instalações da empresa. Estava aposentado, mas continuava trabalhando. Acostumado com o gosto das conquistas com o fruto do trabalho, estabeleceu-se como comerciante. Nem a pouca escolaridade é barreira para este batalhador.

SuperEla

Mara Poliana
5º período Jornalismo

Foto: fansshare.com

Ela está por toda parte. É dona de casa, está na faculdade e atrás de uma mesa cuidando do seu próprio negócio. Está no bar, na academia, dirige seu carro, seus estudos, vota, e também é governante. Ela é chefe, mãe, senhora ou até mesmo senhorita. É dona de si mesmo, é mulher.

Engana-se quem ainda pensa que o seu lugar é apenas dentro de casa. É em meio ao movimento das ruas, entre o caos do trânsito e buzinas infernais, que ela conquista espaço. Sexo frágil? Não. Ela é marota, pragmática, diligente.

Na política, a mulher brasileira ganha o direito de voto opcional e dá-se início a uma revolução feminina que fortalece ainda mais o desejo da voz ativa. A luta travada, para conquistar a igualdade de gênero, estava apenas começando. Já era hora do sentimento tornar-se voz e de dizer: "Eu posso".

Agora, ela tem opinião própria, deixou de ser a sombra do cônjuge sem escrúpulos e, quando decide que não quer mais a vida conjugal, tem o direito do desenlace. Sofrer opressão não mais faz parte do seu plano de vida, ainda mais com o respaldo da Lei Maria da Penha a seu favor.

Ela cansou de ser vista apenas como um par de belas pernas e silhueta acentuada. Tem potencial, espírito de liderança e quer ser reconhecida em cargos de poder. Não tem somente as pérolas como as de Margaret Thatcher. Possui também sua coragem e determinação. Ela não quer ser vista como melhor, mas não quer sempre estar na pior, ela só quer ser igual a eles, receber os mesmos salários pelas mesmas funções, afinal, ela sabe fazer o que eles fazem. Não quer viver em uma penúria intelectual, mas deseja conquistar o mundo, pois sabe que ele também pertence a ela.

Cheia de alter egos, ela gosta do seu cabelo black, de tatuagens, bebidas, futebol, das gordurinhas abdominais, roupas descoladas ou não, e

> Ela cansou de ser vista apenas como um par de pernas

quer ser respeitada por isso. É religiosa, *hippie* e, por natureza, cética. Luta para ser quem é, sem imposição de padrões, pois é muito mais do que os conceitos que a mídia a atribui.

Quem a vê assim, conquistando o mundo, talvez não saiba nem da metade dos preconceitos que já viveu e que, infelizmente, ainda vive. As lutas são árduas, mas os punhos estão cerrados em sinal de luta para conquistar a plenitude do empoderamento feminino. Nas palavras de uma pensadora desconhecida: "É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo. Para viver como uma. Para escrever sobre elas".

issuu-downloader.com

Amor na terceira idade

Histórias de amor e afeto estão guardadas no Asilo Santo Antônio, longe dos olhares da cidade

Taína Ferreira
5º período de Jornalismo

Criada há 104 anos, a Associação Beneficente 8 de Setembro ou simplesmente Asilo Santo Antônio, em Uberaba, guarda histórias de vida, afeto, saudade, alegria, amor e gratidão. O asilo é uma das instituições mais antigas da cidade, que atende e cuida de idosos a partir dos 60 anos, em regime de internato.

A instituição abriga atualmente 62 idosos da região. As internações são feitas pelos familiares que não possuem condições para cuidar deste idoso, mas, há também as internações espontâneas, em que o próprio idoso procura a instituição por não ter família ou mesmo para não dar trabalho aos familiares.

Fotos: Taína Ferreira

Sebastião e Maria Aparecida se conheceram no asilo e tornaram-se companheiros inseparáveis

> "Estamos sempre juntos. De dia, ficamos juntos pessoalmente e, de noite, no pensamento

Fundado em 1912, por Teodora Severiana de Carvalho e Antônio Moreira, inicialmente, o asilo tinha como objetivo abrigar moradores de rua. Com o passar do tempo, percebeu-se que precisaria mudar o foco. O abrigo, então, se adequou às leis e às necessidades da população e, hoje, passou a ser uma instituição de permanência só para idosos, atuando em sua capacidade máxima.

"O asilo passou a ser uma casa de acolhidos e dos idosos menos favorecidos. Todos os dias, recebemos novos pedidos. Atualmente, 280 pessoas estão na fila de espera para ser acolhidas na instituição", conta a presidente do asilo, Edna Maria Idaló.

Para alguns, o Asilo Santo Antônio tornou-se um abrigo seguro ou, como preferem chamar, um lar. Para outros, é um suplício. Local onde foram deixados, esquecidos e excluídos do mundo, um refúgio. Funcionários e voluntários tornaram-se a segunda família e, em muitos casos, por afeto e dedicação, consideram como primeira família e, em outras, a única. Os visitantes são os melhores amigos e confidentes de vida.

Personagens da vida real

Há dez anos no asilo, o genioso professor Geraldo Tito Sandim, de 91 anos, conta, entre respostas afiadas e correções de Português, o orgulho de ter sido professor de Geografia e História e de falar, com fluência, italiano e espanhol. "Eu aprecio a literatura. Estou começando a ler o meu 90º livro no asilo. Aqui é o céu. O pessoal trabalha dia e noite cuidando da gente", afirma.

A história do senhor José Martins Borges, de 75 anos, é bem diferente. Morando há 20 anos no asilo, sem filhos e solteiro, José ou Zé, como preferir, explica que o lar é tudo o que ele tem. "Aqui é bão demais. Aqui é o meu lar. Perdi pai, perdi mãe. Agora, o meu lugar é aqui. Sou eu e eu. Minha família são eles."

Juntos para sempre

No Asilo Santo Antônio, também há histórias como a de Maria Aparecida de Paula, de 81 anos, e Sebastião Batista Carvalho, de 82 anos. Os dois se conheceram no asilo e, há um ano, mantêm um relacionamento sério de muito companheirismo, amor e amizade. Os dois já foram casados. Maria, por 51 anos, e Sebastião, por 49 anos. Eles não pretendiam e nem esperavam encontrar um novo

issuu-downloader.com

Fotos: Taína Ferreira

O Asilo Santo Antônio é o segundo mais antigo em funcionamento em Uberaba. São 62 idosos que sobrevivem com o apoio da prefeitura e de doações da comunidade

amor na melhor idade.

Com a ajuda de uma das cuidadoras do local, o destino tratou de unir o casal que, desde então, não se desgruda em nenhum momento. "Estamos sempre juntos, o dia inteiro. De dia, ficamos juntos pessoalmente e, de noite, no pensamento", declara Sebastião.

Entretanto, antes que Maria encontrasse seu novo amor, sua ida ao asilo não foi nada fácil, ao contrário de Sebastião, que sempre se sentiu em casa. Com início de depressão, Maria sentiu muita falta da família, mas o melhor remédio para a tristeza e a solidão, foi o novo amor.

> "Eu adoro aqui. Tenho minhas amigas, mas sinto falta do que tinha antes

"Eu sentia muita falta da família. Nunca morei sem a família. Nunca. Sempre alguém estava por perto. Eu não pensava em namorar outra pessoa, pois fui casada por muitos anos, mas aí ele me procurou e eu pensei: 'vamos tentar'. Hoje, eu vivo bem e nós vivemos bem juntos", ressalta Maria.

Para se distrair, os dois, que são autorizados pelos filhos a sair juntos, passeiam no shopping, fazem compras no supermercado e interagem com os estudantes que visitam o asilo trazendo alegria, com lanches de fim de tarde e música.

Quando não estão juntos, um sente a falta do outro.

"Eu gosto muito dele. Acho uma companhia muito boa e eu também acho que ele gosta de mim, né, senão nem estaria comigo. Eu sinto falta quando ele sai, pois a gente convive muito bem", fala Maria Aparecida.

Apaixonados, os dois se abraçam e se beijam o tempo todo. Andar juntos, só de mãos dadas. "Eu vivo por amor. Pra separar nós dois, só a morte", diz Sebastião.

Mas nem para todos, o asilo é o lugar onde gostariam de terminar os últimos anos de vida. Às vezes, deixados e esquecidos na casa de repouso, sentem falta das famílias e da independência que tinham antes. Dona Terezinha dos Santos conta, em lágrimas, que o asilo é muito bom, mas, na realidade, é uma forma de escapar da solidão. "Eu adoro aqui. Tenho minhas amigas, mas sinto falta do que tinha antes", afirma.

Conheça o Santo Antônio

Para visitar ou doar alimentos e produtos de higiene pessoal para o Asilo Santo Antônio, o endereço é praça Doutor Thomaz Ulhôa, 210, no bairro Nossa Senhora da Abadia.

Para mais informações, o telefone é (34) 3316-9663.

Realidade brasileira

O número de idosos tem aumentado a cada ano no país. Devido ao acesso a serviços de saúde e de saneamento nos últimos anos, o Brasil está encaminhando para ser um país com mais idosos do que crianças.

A expectativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de que, até 2055, o número de pessoas com mais de 60 anos supere o de brasileiros com até 29 anos.

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), são mais de

> São mais de 100 mil idosos vivendo em asilos

100 mil idosos vivendo em casas de repouso ou asilos no Brasil.

Ainda conforme o Ipea, são mais de seis mil instituições do gênero espalhadas pelo país. O abandono de idosos tem aumentado.

As pesquisas apontam que 30% dos asilados não recebem visitas.

Foto: metropoles.com

issuu-downloader.com

A **nobre** arte de cuidar

Fisioterapeuta concretiza o sonho de infância e abre hotel para a terceira Idade

Joyce Fernanda
5º período de Jornalismo

"Eu acho muito bonito." Essas foram as palavras de Cecília Maria da Silva, de 72 anos.

Ela criou Sabrina e conta que trabalhou muitos anos na roça apanhando café, catando batata, catando feijão, quebrando milho, de boia fria. "Depois, eu passei a trabalhar de empregada doméstica.Inclusive, quando eu dei parada cardíaca, estava trabalhando. De lá pra cá, eu não trabalhei mais", lembra dona Cecília.

O movimento involuntário do coração bate, agora, no compasso do marca-passo. Ela é mãe de oito filhos, avó de 22 netos e tem bisnetos.

O exemplo da avó materna inspirou a fisioterapeuta e proprietária do Hotel Vovó Cecília, Sabrina Resende da Silva.

As duas têm um afeto especial pelos idosos que se hospedam no hotel, os permanentes e os de passagem, que ficam por um tempo de recuperação e depois voltam para a casa de suas famílias. "Para mim, são os meus meninos. Tenho o maior amor e carinho, como se fosse mãe mesmo", declara a fisioterapeuta Sabrina.

Ela afirma acreditar na missão de devolver a dignidade e zelar pela preservação da particularidade de cada um.

Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, mostra que, em 40 anos, a população idosa vai triplicar no país. É gente que busca casas de acolhimento que oferecem cuidados especiais.

No Hotel Vovó Cecília, as vagas são limitadas. São 11 funcionários, entre eles, o marido e a mãe de Sabrina, Rorilda Resende da Silva.

É ela quem prepara o café da manhã, enquanto os 21 idosos tomam banho sob os cuidados das ajudantes.

Após a primeira fase da manhã, eles apreciam a paisagem da avenida, com os olhos fixos na vida agitada do lado de fora. Os ouvidos, já cansados, escutam ao longe o som dos passarinhos se confundindo com o barulho dos ônibus e carros.

O senhor Nilton Alexandre Ribeiro, de 82 anos, está no hotel. "Para mim, é muito bom. Fui recebido bem. Ah, gosto da Sabrina também, ela é muito gente boa."

Dona Ivanilda Moura de Oliveira, de 78 anos, concorda e vai mais longe. "É uma solução, na verdade, para quem precisa de cuidado. Sou muito bem tratada, muito querida aqui. Os donos gostam de mim de verdade. Eu sinto a amizade deles. É uma solução para a minha vida. Comida boa. Tratamento bom. Cama boa", comenta.

> "São os meus meninos, tenho o maior amor e carinho, como se fosse mãe mesmo

As histórias na instituição são muitas, mas uma, em especial, deixou marcas. Uma senhora, encontrada numa casa rudimentar, escondia, por trás da blusa, feridas nas costas. Depois de encontrada, ela foi levada para a instituição. Recuperada da lesão, ela agradece toda a dedicação recebida.

Esses exemplos de superação traçam o futuro do local.

"A gente tem que abrir um lugar maior, uma sede própria para abrigar, com certeza, mais gente com a mesma qualidade", finaliza.

Fotos: Joyce Fernanda

Segundo a proprietária, o hotel procura receber a todos com carinho

issuu-downloader.com

CALOURADA 2017

SEJAM BEM-VINDOS

Palestra: O sucesso te chama

Local: Anfiteatro D56

Marco Antônio Nogueira

Pró-Reitor de Ensino Superior

Dia 14 (terça-feira – Integral – 13h30min)

Arquitetura e Urbanismo
Engenharia Civil
Engenharia Elétrica
Engenharia Química

Dia 14 (terça-feira – Noturno – 19h)

Farmácia
Fisioterapia
Odontologia
Gestão de RH
Tec. em Agronegócio
Tec. em Gestão Financeira

Dia 15 (quarta-feira– Matutino – 9h40min)

Direito

Dia 15 (quarta-feira – Noturno – 19h)

Publicidade e Propaganda
Jornalismo
Arquitetura e Urbanismo
Design de Interiores
Educação Física
Pedagogia
Tec. em Logística
Tec. em Produção Audiovisual

Dia 16 (quinta-feira – Noturno – 19h)

Ciências Contábeis
Engenharia Civil
Engenharia Elétrica
Engenharia Química
Sistemas de Informação

Dia 17 (sexta-feira – Matutino – 9h40min)

Odontologia
Medicina Veterinária

Dia 20 (segunda-feira – Noturno – 19h)

Direito

Dia 21 (terça-feira – Noturno – 19h)

Administração
Enfermagem
Psicologia

Dia 22 (quarta-feira – Matutino – 9h40min)

Administração
Medicina
Psicologia
Enfermagem
Fisioterapia
Educação Física

Uniube

0800 34 3113
www.uniube.br

issuu-downloader.com

CALOURADA 2017

SEJAM BEM-VINDOS

AULA INAUGURAL

13/02 (segunda-feira)

Compareça à recepção. na quadra coberta do Campus Aeroporto, para apresentação dos dirigentes da Instituição. Só depois, os calouros seguirão para os locais mencionados abaixo.

Multiperiódico - 7h30min

Curso	Local
Administração	Anfiteatro da Biblioteca
Direito	P103
Educação Física	Bloco T
Enfermagem	Z206
Fisioterapia	S204
Medicina	S315
Medicina Veterinária	Q02
Odontologia	Anfiteatro D56
Psicologia	A07

Vespertino - 13h30min

Curso	Local
Arquitetura e Urbanismo	V01
Engenharia Elétrica	Z112
Engenharia Civil	Z112
Engenharia Química	Z112

Noturno - 19h

Curso	Local
Administração	Q01
Arquitetura e Urbanismo	V01
Ciências Contabéis	Q01
Direito	P120
Design de Interiores	V04
Enfermagem	Anfiteatro da Biblioteca
Educação Física - Bacharelado e Lienciatura	Bloco T
Engenharia Elétrica	Anfiteatro D56
Engenharia Civil	Anfiteatro D56
Engenharia Química	Anfiteatro D56
Farmácia	Laboratório D14
Fisioterapia	G03
Jornalismo	J04
Odontologia	Z216
Pedagogia	X06
Psicologia	A09
Publicidade e Propaganda	J04
Sistemas de Informação	Anfiteatro D56
Tec. em Agronegócio	Q02
Tec. em Gestão Financeira	Q02
Tec. em Gestão de Recursos Humanos	Q02
Tec. em Logística	Q02
Tec. em Produção Audiovisual	J04

Uniube

0800 34 3113
www.uniube.br

issuu-downloader.com